

JORNAL NIPPAK

ANO 17 – Nº 2453 – SÃO PAULO, 01 A 08 DE JANEIRO DE 2014 – R\$ 3,00

Políticos nikkeis avaliam 2013 e revelam expectativas para 2014

Mais um ano se finda e outro começa. Hora de virar a página e escrever um novo capítulo. A pedido do **Jornal Nippak**, os vereadores Aurélio Nomura (PSDB), George Hato (PMDB) e Masataka Ota (Pros), os deputados estaduais Hélio Nishimoto (PSDB) e Jooji Hato (PMDB) e os deputados federais Walter Ihoshi (PSD-SP), Junji Abe (PSD-SP), Keiko Ota (PSB-SP) e Luiz Nishimori (PR-PR) – além do ex-vereador e atual suplente Ushitaro Kamia – contam, em artigos exclusivos, como viram o ano de 2013 e revelam suas expectativas para 2014.



Aurélio Nomura



Jooji Hato



George Hato



Junji Abe



Hélio Nishimoto



Masataka e Keiko Ota



Luiz Nishimori



Walter Ihoshi

Fé, luta e participação

DIVULGAÇÃO



Junji Abe: "Faço um veemente apelo à população para que não se distancie da política"

Às vésperas do apagar das luzes de 2013, destaco dois fatos emblemáticos de tantos que povoaram o ano: a prisão dos condenados no episódio do mensalão e a morte do ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela. Um deles escancara os corredores fétidos do maior esquema de corrupção da história do País, selando as travas da punição sob o manto da impunidade que tanto enlameia a política brasileira. O outro abre um impreenchível vazio no seio da humanidade, representado pela perda do líder africano.

O Brasil ocupa a nada honrosa 72ª posição no ranking dos 177 países mais corruptos do planeta, segundo levantamento divulgado pela organização Transparência Internacional. O julgamento, condenação e prisão dos envolvidos no mensalão acende uma luz no fim do túnel para o descrédito absoluto em que a política andava mergulhada. Mesmo que as apurações tenham demorado oito anos. Mesmo que as penalidades aplicadas tenham sido brandas demais em relação aos corretivos justamente esperados pelo povo. Mesmo que alguns dos condenados tenham tentado desvirtuar os reais motivos de sua prisão, se autointitulando "presos políticos". A sociedade esteve alerta e descredenciou as balelas. Com as imprescindíveis transparência, agilidade e intensidade proporcionadas pela nossa Imprensa.

Nossa expectativa é que o desfecho do episódio mensalão impulse uma mudança na cultura da corrupção existente no País. Ou seja, que as falcaturias, maracutaías e afins deixem de ser encaradas com naturalidade. E muito menos, com banalidade. Que em 2014 a sociedade nos dê, nas urnas, a prova cabal de que leva o processo de moralização da classe política muito a sério.

Tenho absoluta convicção de que a sociedade ingressou numa nova fase. Os legítimos

protestos que tomaram as ruas do País testemunham a mudança de parâmetros. "Chega de mendigar. Estamos exigindo". Este foi o recado prático das manifestações populares. Tenho fé de que trilhemos um caminho mais crítico daqui para adiante.

Faço um veemente apelo à população para que não se distancie da política. Ao contrário: que seja cada vez mais participante do processo político, como agente da transformação cultural, de postura e atitude pela moralização dos seus representantes. Os avanços esperados, com o resgate dos princípios morais e éticos, virão. Basta que cada um vista seu sentimento cívico e assuma, verdadeiramente, suas responsabilidades na evolução social.

A perda do líder africano, aos 95 anos de idade, também

conduz à reflexão. Nosso desejo é que não fiquemos órfãos, chorando a ausência de um pai. Mas, façamos como o próprio Mandela pregou a revolução conciliadora em nossos destinos. De alguém que lutou com ferocidade contra a ditadura racial do apartheid e tornou-se um ícone na perseguição da igualdade social, temos a lição preciosa de que não é preciso virar um servil do poder para fazer a diferença na sociedade. Afinal, ele exerceu um único mandato como presidente da África do Sul. Não sucumbiu à cobiça de perpetuação no poder. E o mais importante: fez da própria vida uma profissão de fé na busca pela realização de sonhos e defesa dos mais nobres ideais.

Que saibamos, nós também, sustentar garras afiadas na defesa daquilo em que acreditamos. E tenhamos,

ao mesmo tempo, tolerância para respeitar a diversidade de ideias e a pluralidade de opiniões, assim como possamos conciliar as divergências em benefício das pessoas. Assim como o grande Mandela, tenho certeza de que o fim das amarras nocivas, o amadurecimento, da democracia e a escalada para verdadeiros avanços residem no ensino de qualidade. Desejando a todos um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de realizações, compartilho com vocês uma frase do grande líder africano que sintetiza a essência das minhas batalhas como deputado federal, como cidadão e como ser humano: "A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo".

Junji Abe é deputado federal pelo PSD-SP